

15 de janeiro

DONS E RELACIONAMENTOS

Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. 1 Coríntios 12:4

É comum ouvir que o cérebro humano utiliza apenas 10% de sua capacidade. Embora essa afirmação tenha base em conceitos verdadeiros, ela não passa de uma metáfora pobre. Na realidade, todo o cérebro trabalha ativamente; o mistério reside em entender por que algumas pessoas, com um cérebro aparentemente normal, possuem habilidades excepcionais, como memória fotográfica ou analítica.

Um dos primeiros exemplos documentados desse tipo de prodígio foi Thomas Bethune, também conhecido como Tom Cego, nome dado por seus senhores. Tom era um afro-americano nascido escravo por volta de 1850. Mesmo sendo cego e provavelmente autista, ele conseguia ouvir uma partitura de 20 páginas apenas uma vez e tocá-la sem erro no piano. Aos 16 anos, Tom já havia memorizado cerca de 7 mil músicas.

Existem muitos outros casos de pessoas com habilidades extraordinárias, mas você notou que ninguém jamais foi bom em tudo? Desde que a teoria das inteligências múltiplas foi desenvolvida pelo psicólogo Howard Gardner, sabemos que é um erro classificar as pessoas em inteligentes ou não inteligentes apenas pelos resultados de um teste de QI. Embora válidos e muito úteis, esses testes são criticados por medir apenas alguns aspectos da inteligência humana, deixando outros de fora.

Há pessoas que podem ter a genialidade de Einstein na hora de fazer um teste de física e a habilidade de uma pedra para aprender um novo idioma. Em algumas coisas somos ótimos, acima da média; em outras, somos medianos; e, em muitas, teremos dificuldade de aprendizado. O importante, portanto, não é ser bom em tudo, mas usar aquela ou aquelas habilidades para a glória de Deus. O problema é que às vezes preferimos ser arruinados pelo elogio a ser salvos pela crítica.

Deus não permite que sejamos bons em tudo para que ninguém ache que se basta em si mesmo. Somos seres relacionais, sempre precisando uns dos outros. Lembrando que, como vimos ontem, quando o problema é sempre o outro, o complicado talvez seja eu mesmo.